

Educação

Candidatos dão soluções ousadas a problema crônico

Israel Tabak

Detectar problemas na educação é fácil, difícil é resolvê-los, sentencia a secretária estadual de Educação, Fátima Cunha. Nem por isso os quatro candidatos às próximas eleições que com ela participaram de um debate promovido pelo JORNAL DO BRASIL se esquivaram de discutir, à exaustão, as principais mazelas que afetam o setor. Tampouco se abstiveram de fazer propostas radicais na tentativa de mudar a situação. O filólogo Antônio Houaiss, candidato a vice-governador pela coligação PT-PSB, sugeriu, por exemplo, que sejam suspensos todos os investimentos no ensino superior e se concentrem os recursos na educação básica.

Os Cieps, financeiramente, são inviáveis, sustenta Fátima Cunha, dizendo que prefeitos do próprio PDT não quiseram receber os escolões quando o Estado se dispôs a repassá-los. O antropólogo Mércio Gomes, candidato a deputado estadual pelo PDT, não concorda com os argumentos e os cálculos da secretaria e assegura que a experiência será consolidada e aperfeiçoada caso Brizola seja eleito. A retomada do diálogo com os professores — que nunca foi interrompido, segundo Fátima Cunha — também está garantida, disse o candidato.

Quando fala das distorções, o professor Arnaldo Niskier, ex-secretário estadual e conselheiro federal de Educação, que concorre à Câmara de Deputados pelo PMDB, chega a pensar na polícia: "A Constituição determina que 50% do orçamento do Ministério da Educação sejam gastos com educação básica. O ministério gasta 83% com ensino superior e ninguém é preso por isso". Ele acha que a educação no Rio está sendo maltratada pelo governo federal, "da mesma forma que os outros setores".

O professor Cândido Mendes, do Conselho de Universidades das Nações Unidas, que tenta uma cadeira de deputado federal pelo PSDB, também tem uma idéia ousada: como, no ensino superior, o aluno rico está na escola gratuita e pública e o aluno pobre na escola particular e paga, segundo ele, pensa em garantir para o estudante carente a prioridade de vaga nas faculdades públicas, mesmo sabendo que há dúvidas sobre a constitucionalidade dessa proposta.

■ Antônio Houaiss
O ensino superior deve parar onde está. No momento não é necessário investir mais

"Não é preciso chegar ao exemplo dos tigres asiáticos para estabelecer a importância da educação como fator de desenvolvimento de um país, esse desenvolvimento capaz de produzir bens físicos e espirituais, materiais e imateriais. Já no fim do século 18 ocorreu esta arrancada para a educação, que se constitui num fato de modernidade absoluta na história da humanidade. Ao contrário do que se pensa, a transmissão do saber, até então, era episódica, através de preceptores. As escolas eram muito poucas com número mínimo de professores e alunos. Portanto a modernidade se instalou, de fato, no início do século 19, com a educação. Ela pôde atingir um índice de quase 100% de formação satisfatória para certas frações da humanidade. E foram estas frações que ficaram na ponta do desenvolvimento humano."

"O nexo entre país desenvolvido e educação é absolutamente necessário e indissociável. Onde não houve desenvolvimento da educação não houve desenvolvimento nem material nem espiritual. O Brasil está atrasado pelo menos uns 80 anos nesse aspecto. Nós temos universidades em quantidade, relativamente ineficazes, absorvendo uma dinheirama fabulosa, recebendo um alunado que não tem preparação adequada para o ensino superior. Esse ensino superior passa a ser um supletório do secundário, que por sua vez é um supletório da ausência do ensino de base. Isso vem de baixo para cima. Se eu pudesse preconizar alguma coisa para o Brasil diria: parem com o ensino superior onde ele está. Cuidem apenas de melhorar sua qualidade. Isso se dará quando os alunos forem mais capacitados."

"O que o Brasil precisa é de uma iniciação de longo prazo. A criança, por mais inteligente que seja, coletivamente é um ser burro. Tem que ter um atendimento integral, incluindo sua nutrição e saúde. Um período diário de oito horas de estudos e carinho. Isso ocorre nos países que obtiveram bons resultados em educação. Nós aqui continuamos com a tragédia dos três turnos, que às vezes se reduzem a duas horas por dia. Esses ciclos estrangulados se constituem num dos erros básicos do nosso ensino: uma democracia quantitativa e uma desmoralização qualitativa. O que precisamos então? Melhorar a qualidade, sem novos investimentos, no ensino superior; melhorar a qualidade, com pequenos investimentos, no secundário. E melhorar a quantidade e a qualidade com imensos investimentos no primário."

"A primeira prioridade é para a for-

O RIO VAI ÀS URNAS

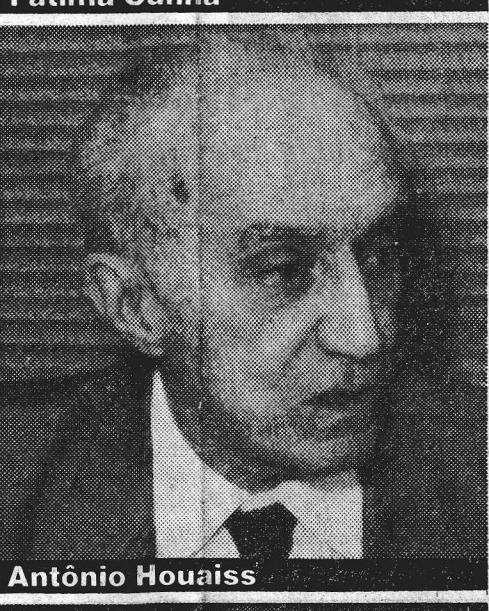
Especial



Fátima Cunha



Arnaldo Niskier



Antônio Houaiss



Cândido Mendes



Mércio Gomes

■ Fátima Cunha
Não temos nem política nacional de educação nem referencial para a escola pública

"Detectar problemas é uma questão muito simples na área da educação. O problema é como trabalhar para resolvê-los. O Rio precisa de soluções viáveis para o seu projeto educacional. A rede de 2.720 escolas públicas estaduais está bastante depauperada. Cerca de 600 delas encontramos sem nenhuma condição de funcionamento. Como escola pública, o Ciep representa inegavelmente um avanço em algumas questões. Só que, pelos nossos cálculos, pelo preço de um Ciep dá para construir hoje quatro escolas convencionais do mesmo porte, proporcionando a mesma qualidade de ensino. A manutenção de um Ciep, pelo seu sistema de construção, também é algo muito complicado."

"Gostaria, aliás, de saber porque os prefeitos do PDT não quiseram receber nenhum dos Cieps que o governo estadual pretendia repassar para eles. O prefeito da capital os recebeu, mas não concluiu nenhum. Esta é uma questão que fica na ar. Os Cieps representam hoje apenas 3% de toda a construção escolar do estado. Temos que concordar com mestre Houaiss quando ele diz que o aluno deve ficar na escola pelo menos de cinco a seis horas diárias. A miséria da sociedade brasileira faz com que a escola tenha que suprir condições que a própria família não consegue assegurar."

"Quanto ao magistério, quero dizer que o próprio professorado reconhece que hoje temos o melhor plano de carreira de todo o Brasil. A questão vai muito além de um plano básico de salários, que depende da Constituição (ela fala de um piso nacional mínimo para os professores). Não temos sequer uma política nacional de educação. Não temos um referencial para a escola oficial. Por isso, hoje os professores não querem mais discutir só salários ou a escola pública. Hoje eles discutem o próprio valor da educação. O professor descobriu que este é um país onde os políticos e seus governantes não valorizam a educação. E por isso é importante escolher candidatos competentes, que de fato priorizem a educação em suas plataformas".

■ Arnaldo Niskier
O professor não pode ganhar menos de sete salários mínimos como piso profissional

"O presidente Collor quer o Brasil no Primeiro Mundo mas sustenta uma educação de Quarto Mundo. A situação da educação nunca esteve pior do que hoje. E no Rio a crise tem como uma de suas origens a forma como estamos sendo maltratados pelo governo federal, não só na educação, como em todos os setores. Tudo por motivos menores, miúdos, mesquinhos. De toda forma, não temos um plano nacional de educação. E é por isso que eu não acredito que o plano de alfabetizar 32 milhões de brasileiros vá dar certo, simplesmente porque não se vincula a uma diretriz maior. Qual é a política que o Brasil tem para a educação pré-escolar? E para a educação básica? Por que o Brasil não valoriza o ensino profissionalizante, um dos segredos da emergência dos tigres asiáticos?"

"O desastre da educação técnica tem uma de suas origens num artigo da Constituição outorgada de 37, que diz que o ensino técnico-profissional "será destinado às classes menos favorecidas". Essa absurda discriminação oficial, por inspiração do modelo ditatorial de Vargas, infelicitamente até hoje a educação técnica no Brasil. Hoje o que precisamos é estabelecer em curto prazo um plano nacional de educação, o que poderá ocorrer já a partir do ano que vem, quando o novo Legislativo deverá apreciar uma nova Lei de Diretrizes e Bases, que se pretende moderna, aquela para a virada do século."

"Não se trata apenas de contar o número dos que estão fora da escola. Não é um problema quantitativo. Temos que saber o que está ocorrendo com os 30 milhões que estão na escola. Qual a qualidade do ensino que recebem. O Brasil não acordou para a modernização indispensável da educação. Não utilizamos tecnologias educacionais de forma adequada. Mal usamos ou nem usamos o rádio, a TV, o computador, o satélite doméstico. Em suma: a educação não é levada a sério. A Constituição estabelece, por exemplo, que 50% do orçamento do Ministério da Educação devem ser para a educação básica. Pois o Ministério está gastando 83% em ensino superior e ninguém é preso por isso."

"A educação tem que contar com pelo menos 25% do orçamento da República. O professor não pode ganhar menos de sete salários mínimos como piso profissional. O Estado do Rio precisa de um revolucionário projeto pedagógico que acabe com as distorções atuais e assegure uma presença mínima de cinco horas diárias do educando na escola".

■ Mécio Gomes
Em educação é preciso ousadia, como ocorreu quando Brizola fez os Cieps

"A educação é parte da cultura de um povo, refletindo suas contradições. Um povo igualitário produz uma educação igualitária. Num país cheio de desigualdades e injustiças, como o nosso, isso se reflete no alto índice de analfabetismo, na evasão escolar e em todas as distorções que marcam a educação brasileira. No mundo ocidental a educação ganhou maior incremento por força da reforma religiosa do século 16 — a leitura da Bíblia foi considerada fundamental como forma de auto-iluminação do homem — e da Revolução Francesa, que usava a educação como um instrumento de se fazer o cidadão. No Brasil, sobretudo a partir da década de 30, a educação passou a ser enfatizada como forma de diminuir as diferenças sociais."

"Na década de 50 a educação pública nas grandes áreas urbanas apresentava uma qualidade razoável. A sociedade brasileira ainda era predominantemente rural. Era possível assegurar um ensino com alguma qualidade para a minoria que vivia nas cidades — 10 milhões de pessoas. A partir da década de 70 a rede pública entra em decadência não só pelo início da explosão urbana — a clientela aumentou de 10 para 60 milhões de pessoas — como também por um descaso da política oficial. Até o final da década de 50 o desleixo oficial já era sentido pela maioria da população, que vivia na área rural. A partir de 70 ele se generalizou. Os problemas que já existiam agora estão mais à nossa vista."

"Para retomar a dimensão da educação pública é preciso ser ousado, como foi o governador Brizola, ao criar o Ciep, a primeira escola fundamental de turno único para todas as classes sociais, especialmente para o povo trabalhador. A consolidação desse projeto de educação integrada, no próximo governo, será um marco, uma meta para ser seguida, na medida do possível, por toda a escolaridade pública. Há, de fato, uma dificuldade, de ordem arquitetônica, para outras escolas públicas virarem Cieps. Mas já temos estudos mostrando que algumas escolas podem se transformar em escolas-parque e outras, pelo menos, em escolas de turno completo."

"Consolidar esse projeto, levando-o para mais algumas áreas geográficas estratégicas, é fundamental para melhorar a qualidade do ensino. Projeto que se completa com o estímulo à construção de escolas profissionais e com a retomada do diálogo com os professores, visando a uma substancial melhoria salarial e uma elevação da qualidade do ensino."

mação de professores. Não é possível continuar aviltando essas criaturas, em suas condições salariais. Elas precisam de uma formação carinhosa e uma remuneração que atraia as mais competentes a essa devocão que o ensino exige. Os alunos também são prioritários. É preciso reformar as escolas do país e sobretudo deste estado, porque, mesmo que estejam em condições precárias, são altamente recuperáveis. Não é se fazendo escolas para mil alunos que eles, por isso, vão ser bem atendidos. Escolas com 50 alunos podem ser muito eficientes. Eu deixaria de lado os projetos megalomânicos, sobretudo porque ficam inviáveis quando dependem de grandes edifícios. O sistema educacional da França, Alemanha e Inglaterra só tiveram edifícios mais ou menos satisfatórios já no final do século. Até então eram casas improvisadas para o ensino.

"Até a escola de pés descalços pode dar bons resultados. O elemento fundamental é a professora, bem paga e bem preparada. É possível entrar no primeiro mundo com os 30 milhões de brasileiros consumidores. Poderíamos ter uma sociedade com muitas indústrias, hedonismo, satisfação, vaidade, prêmios nobres. Marginalizar, no entanto, a grande maioria da população, não pode ser o objetivo de ninguém. Só um alto nível de educação coletiva pode nos tirar deste buraco. Isso ocorre em todos os países de ponta do desenvolvimento humano".

"Até a escola de pés descalços pode

dar bons resultados. O elemento fundamental é a professora, bem paga e bem preparada. É

possível entrar no primeiro mundo com os 30

milhões de brasileiros consumidores. Pode-

ríamos ter uma sociedade com muitas indú-

strias, hedonismo, satisfação, vaidade, prê-

mios nobres. Marginalizar, no entanto, a

grande maioria da população, não pode ser

o objetivo de ninguém. Só um alto nível de

educação coletiva pode nos tirar deste bur-

aco. Isso ocorre em todos os países de pon-

ta do desenvolvimento humano".

"Até a escola de pés descalços pode

dar bons resultados. O elemento fundamen-

tal é a professora, bem paga e bem preparada.

É

possível entrar no primeiro mundo com os 30

milhões de brasileiros consumidores. Pode-

ríamos ter uma sociedade com muitas indú-

strias, hedonismo, satisfação, vaidade, prê-

mios nobres. Marginalizar, no entanto, a

grande maioria da população, não pode ser

o objetivo de ninguém. Só um alto nível de

educação coletiva pode nos tirar deste bur-

aco. Isso ocorre em todos os países de pon-

ta do desenvolvimento humano".

"Até a escola de pés descalços pode

dar bons resultados. O elemento fundamen-

tal é a professora, bem paga e bem preparada.

É

possível entrar no primeiro mundo com os 30

milhões de brasileiros consumidores. Pode-

ríamos ter uma sociedade com muitas indú-

strias, hedonismo, satisfação, vaidade, prê-

mios nobres. Marginalizar, no entanto, a

grande maioria da população, não pode ser

o objetivo de ninguém. Só um alto nível de

educação coletiva pode nos tirar deste bur-

aco. Isso ocorre em todos os países de pon-

ta do desenvolvimento humano".

"Até a escola de pés descalços pode

dar bons resultados. O elemento fundamen-

tal é a professora, bem paga e bem preparada.

É

possível entrar no primeiro mundo com os 30

milhões de brasileiros consumidores. Pode-

ríamos ter uma sociedade com muitas indú-

strias, hedonismo, satisfação, vaidade, prê-

mios nobres. Marginalizar, no entanto, a

grande maioria da população, não pode ser

o objetivo de ninguém. Só um alto nível de

educação coletiva pode nos tirar deste bur-

aco. Isso ocorre em todos os países de pon-

ta do desenvolvimento humano".

"Até a escola de pés descalços pode

dar bons resultados. O elemento fundamen-

tal é a professora, bem paga e bem preparada.

É

possível entrar no primeiro mundo com os 30

milhões de brasileiros consumidores. Pode-

ríamos ter uma sociedade com muitas indú-

strias, hed